O Santo Sudário

Sidney Gozzani

- 1 - O QUE É
- 2 - HISTÓRIA
  - 2.1 Curva Bizantina
- 3 - AS PESQUISAS NO SUDÁRIO
  - 3.1 No microscópio
    - 3.1.1 Exame dos fios do linho
    - 3.1.2 Análise do pó impregnado no Sudário: os pólens
    - 3.1.3 Poeira mineral
  - 3.2 Análise do sangue
    - 3.2.1 Sangue venoso e sangue arterial
  - 3.3 Datação pelo radiocarbono
  - 3.4 Revestimento bio-plástico
  - 3.5 A contestação de Kouznetsov
  - 3.6 Conclusão
- 4 - A FIGURA DO SUDÁRIO
  - 4.1 Efeito tridimensional
    - 4.1.1 Moedas
  - 4.2 O suplício do Homem do Sudário
- 5 - PROBABILIDADES
- 6 - CONCLUSÃO
- BIBLIOGRAFIA

Copyright © 1999-2011 - Associação Cultural Montfort - http://www.montfort.org.br/

"Saiu então Pedro, e aquele outro discípulo, e foram ao sepulcro. Ora, eles corriam ambos juntos, mas aquele outro discípulo correu mais do que Pedro, e levando-lhe a dianteira, chegou primeiro ao sepulcro. E tendo-se abaixado, viu os lençóis postos no chão, mas todavia não entrou. Chegou pois Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro, e viu postos no chão os lençóis, e o lenço, que estivera sobre a cabeça de Jesus, o qual não estava com os lençóis, mas estava dobrado num lugar à parte. Então pois entrou também aquele discípulo, que havia chegado primeiro ao sepulcro: e viu, e creu". (Jo, 20,3-8)

O que no relato do Espírito Santo, viu o apóstolo, que o fez crer? E por que "*o lenço, que estivera sobre a cabeça de Jesus"* estava dobrado num lugar à parte?

Essa santa relíquia, tão distintamente mencionada na Sagrada Escritura, foi profetizada por São Bráulio na antiguidade, que seria guardada pelos apóstolos para os tempos futuros. É de fato uma prova material da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quanto mais se estuda o Sudário e quanto mais técnicas se desenvolvem para estudá-lo, mais se comprova a sua autenticidade, para ódio dos inimigos da Igreja e do demônio, que já tentou queimá-lo mais de uma vez.

Nunca um objeto histórico foi tão contestado em sua autenticidade, assim como também nunca um objeto histórico foi tão cientificamente comprovado, além das próprias evidências históricas documentadas. Qualquer outro personagem histórico já teria sido reconhecido, sem nenhuma contestação, se tivesse deixado marcas como as que estão no Sudário.

É muito estranho como a mídia divulga amplamente as opiniões daqueles que, mesmo sem a menor base, contestam a autenticidade do santo Sudário. Qualquer charlatão que se dispõe a criticá-lo, recebe um microfone de uma rede Globo, e amplas reportagens da imprensa. No entanto, qualquer pequena análise dessas reportagens, é suficiente para se perceber o quão incompletas e de baixo nível elas são.

1- O que é

O santo Sudário é um lençol de linho de 4,36 x 1,10 metros, ou 8 x 2 cúbitos sírios, que eram as medidas de lençóis para se envolver cadáveres em Israel antigo e ainda empregado em rituais judaicos.

Copyright © 1999-2011 - Associação Cultural Montfort - http://www.montfort.org.br/

2- História

“José de Arimatéia...foi procurar Pilatos e pediu-lhe o corpo... Recebendo o corpo, José O envolveu em um lençol ainda não usado”. (Mt 27:57-61)

Como é bem sabido, durante as perseguições dos primeiros séculos, as comunidades cristãs guardavam cuidadosamente as relíquias dos mártires. Segundo São Nino (306 a 337), a mulher de Pilatos teria entregado o Sudário a São Lucas e esse a São Pedro, que o guardou.

A iconografia dos primeiros cristãos divergia da figura do Sudário, pois para os judeus qualquer material que entrasse em contato com cadáveres era material impuro. Nosso Senhor era representado como Bom Pastor, o médico taumaturgo e o mestre e juiz, geralmente segundo o modelo clássico do Apolo pagão.

Mas já no século II, a Sagrada Face era venerada em Edessa. Tudo indica que era o Sudário dobrado, expondo a face de Nosso Senhor. Uma análise recente constatou que realmente essa área do Sudário ficou mais exposta que as demais áreas.

Há uma história tradicional na qual em Edessa havia um rei chamado Abgaro, cujo corpo foi coberto pelo Sudário, e foi curado de uma doença, se convertendo ao cristianismo, assim como seu povo.

A partir dessa época, a iconografia começa a apresentar Nosso Senhor com barba.

O que é certo é que uma imagem de Cristo, procedente de Jerusalém, era venerada em Edessa nos primeiros séculos.

Em 525, era conhecida a imagem de Edessa como *Mandylion acheiropoieton:* pequena tela não pintada por mão humana.

Evagrio, em sua História Eclesiástica, nos conta que em 544 os edessenos venceram uma batalha contra as tropas persas que cercavam a cidade, depois de uma procissão do *Mandylion* pelas muralhas, quando o fogo tomou conta das armas inimigas e os persas tiveram de fugir.

A partir dessa época (séc VI), a arte sacra começa a copiar a sagrada face em numerosos detalhes.

Dois quadros hoje guardados no ocidente, em Sancta Santorum (Roma) e na Igreja de São Bartolomeu, em Genova e ainda o Rosto Sagrado em Pescara, entre outros, já apresentam as mais fortes características de cópia do *Mandylion*:

- 3 mexas de cabelo na testa
- um dos supercílios mais alto que o outro
- um “V” acima do nariz
- barba bipartida
- cabelo longe da face
- face inchada
- uma risca transversal na testa
- uma sobrancelha direita erguida
- narina esquerda inflamada
- uma linha saliente entre o nariz e o lábio superior
- uma linha grossa sob o lábio inferior
- uma linha transversal na garganta

O Mandylion de Edessa era tratado com excepcional respeito e era **usado como prova fidedigna para legitimar o culto das imagens sacras durante o período da iconoclastia (séc. VIII e IX)**. No segundo Concílio Ecumênico de Nicéia, em 789, **São Teodoro Estudita recorre textualmente ao Sudário como argumento contra os iconoclastas**. Além dele, outras testemunhas daquela época são: São João Damasceno, André de Creta, Papa Gregório II, o patriarca Nicéforo, João de Jerusalém, e outros.

Do seu período na Turquia (Edessa), temos um interessante documento: o Codex Vossianus Latinus Q 69, conservado na biblioteca de Rijksuniversiteit de Leida (Países Baixos), um manuscrito do séc X, que contém uma narrativa do séc. VIII, proveniente da área siríaca, onde se lê que Jesus deixou a marca de todo o seu corpo num pano guardado na Igreja Grande de Edessa: “Quem o contempla via o Senhor como quem o tenha visto na terra.”

Em 944 os exércitos bizantinos durante uma campanha contra o sultanato árabe de Edessa, apossaram-se do Mandylion, e levaram-no solenemente para a sua capital, Constantinopla.

Essa chegada triunfal do Mandylion teve ainda uma festa litúrgica celebrada em 16 de Agosto.

Uma homilia atribuída ao imperador de Constantinopla, Constantino VII Porfirogênito (912-959), e o *Narratio de Imagine Edessena* (séc. X), dão a entender que não se tratava de pintura, e quando mostrado ao povo de Edessa era dobrado em oito camadas, de modo tal que aparecesse “o rosto sem o corpo”.

Esses sinais das dobras antigas foram em parte localizadas em 1978 por Jackson e Miller, mediante observações e fotografias do Sudário iluminado com luz rasa, confirmando a hipótese das oitos camadas.

Existe também a descrição de Gregório , o Referendário, sobre a chegada do Mandylion a Constantinopla, como uma imagem impressa por gotas de suor e na qual se vê também o sangue que saiu do lado.

Ou seja, o **Mandylion é o Santo Sudário**.

2.1 Curva Bizantina

É evidente que o Sudário continuou influenciando os artistas também nas representações da crucificação.

Do ano mil em diante fala-se do Sudário nos catálogos das relíquias conservadas na corte imperial, e Nosso Senhor não é mais representado rígido e ereto, mas com a cabeça inclinada para a direita e com o corpo deslocado de modo a descrever um movimento definido pelos estudiosos como “curva bizantina”, que na verdade é uma representação realista não da agonia de um moribundo, mas da crucificação de um homem tido como claudicante.

No Sudário, Nosso Senhor parece ter uma perna mais curta que a outra, é a esquerda, que permaneceu encurvada na cruz, por causa da sobreposição do pé esquerdo pregado sobre o direito, e assim ficou fixada mesmo depois da deposição da cruz, devido a rigidez cadavérica.

Desse pormenor nasceu a lenda do “Jesus claudicante”, que influenciou a cruz ortodoxa: ela é feita com o supedâneo (apoio dos pés) inclinado, como se idealmente estivesse na cruz um homem com uma perna mais curta.

Copyright © 1999-2011 - Associação Cultural Montfort - http://www.montfort.org.br/

Muitos ícones de Nossa Senhora, especialmente os mais antigos e célebres, representam-na com o filho nos braços, com os pés foras das vestes, um normal e outro torto e mais curto. Mais ainda, outras vezes está com uma perna sobre a outra, com a planta do pé virada e aparecendo, sendo o outro pé sempre de perfil, como evidente alusão ao Sudário. O pé defeituoso lembra a forma e a posição do pé esquerdo no Sudário.

A Virgem do Perpétuo Socorro pertence a um grupo de imagens greco-bizantinas, veneradas em muitas partes distintas do antigo império bizantino.

O original desta imagem acima (séc. IX) está atualmente em uma Igreja dos Padres Redentoristas em Roma.

Em 1080, Aleixo I Comnemo pede ajuda ao Imperador Henrique IV e a Roberto de Flandres para defender as relíquias reunidas em Constantinopla, especialmente o Sudário.

Em 1147, o rei Luis VII da França venerou o Sudário em Constantinopla.

Em 1171, Manuel I Comnemo mostra a Almarico, rei dos Latinos de Jerusalém, as relíquias da paixão de Nosso Senhor, entre as quais, o Sudário.

Até o ano de 1204 o Sudário foi conservado no Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Blanquernas, onde era venerado às sextas-feiras.

Em abril de 1204, os “cruzados” atacaram e saquearam Constantinopla. Segundo Robert de Clary, soldado e cronista da IV cruzada: *“Ninguém jamais soube, nem grego nem francês, o que foi feito do Sudário quando a cidade foi tomada.”* O Sudário, é claro, havia sido escondido por medo da excomunhão decretada para os ladrões de relíquias.

Em 1307 os Templários são condenados como heréticos, dentre outras razões, devido ao culto secreto de uma Sagrada Face, que parece ser uma reprodução do Sudário. Um desses templários se chama Geoffrey de Charny.

Em 1356, outro Geoffrey de Charny, cavaleiro cruzado descendente do anterior, entrega o Sudário aos cônegos de Lirey, França.

Em 1396, Clemente VII, anti-papa de Avignon obrigou a declarar nas exposições do Sudário que aquilo era uma pintura.

Em 1453, Margarida de Charny, neta de Geoffrey, entrega o Sudário a Ana de Lusignano, mulher do Duque Ludovico de Savóia, que o mantém guardo em Chambéry.

Em 1506, o Papa Júlio II aprova a Liturgia do Sudário.

Em 1532, na noite entre 3 e 4 de Dezembro ocorre um incêndio em Chambéry: a urna do Sudário tem um lado atingido pelo fogo e alguma gotas de metal derretido atravessam as várias camadas dobradas. No entanto este não foi o primeiro. A pintura do Código Pray, de Budapeste, em 1192, já apresentava marcas de um incêndio anterior.

Em 1578, Emanuel Filiberto transfere o Sudário para Turim, a fim de abreviar a viagem de São Carlos Borromeu, que queria venerá-la para um cumprir o voto feito para libertar Milão da peste.

Exposições públicas na Casa dos Savóia ou nos jubileus começam a acontecer a cada trinta anos aproximadamente.

Em 1694 o Sudário passa para a Catedral de Turim.

Em 1898: primeira fotografia realizada pelo advogado Secondo Pia. O Negativo da foto se mostrou ser propriamente a foto de Nosso Senhor.

A partir daí, a história passa a ser basicamente de estudos científicos:

1931: Novas fotografias de um fotografo profissional

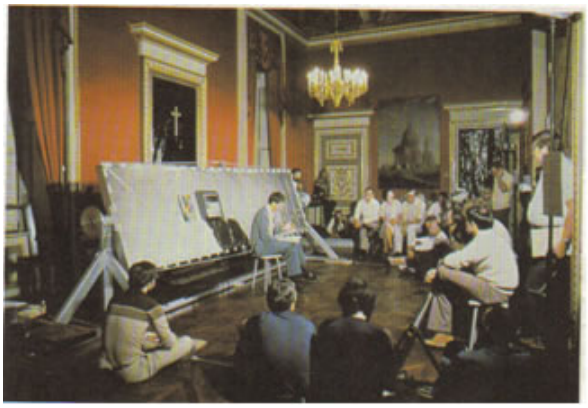
1939-46: durante a guerra o Sudário foi escondido no Santuário de Montevergine, em Avelino.

1969: Vistoria feita por especialistas e fotos coloridas

1973: Exposição divulgada pela televisão em transmissão direta

1978: Exposição por ocasião do IV Centenário da transferência do Sudário para Turim, e Congresso Internacional de Estudos. Projeto de Pesquisa sobre o Sudário de Turim **(Shroud of Turin Research Project - STURP), englobando cerca de 30 cientistas de Los Alamos National Scientific Laboratory, Air Force Weapons Laboratory, Jet Propulsion Laboratory, em Outubro.**

Nesses estudos, os cientistas trouxeram toneladas de equipamentos científicos para Turim, onde permaneceram até terminar os levantamentos de dados.



1983: Falecimento de Humberto II de Savóia, que doa o Santo Sudário a Santa Sé.

1988: Tentativa de datação pelo método do rádio-carbono, cujo resultado apontou a data do Sudário à Idade Média (1260 a 1390).

1993: Descoberta do revestimento bio-plástico nas fibras do Sudário, pelo Dr. Leôncio A. Garza-Valdes, o que demonstra o erro na datação pelo rádio-carbono. O Dr Valdes é médico e professor de Microbiologia do Health Sciences Center da Universidade do Texas. É o criador da disciplina *arqueomicrobiologia*.

1995: O cientista russo Kouznetsov demonstra experimentalmente que o incêndio de 1532 modificou a quantidade de carbono radioativo presente no Sudário, também alterando o resultado do teste de 1988.

1997: Novo incêndio, mas o Sudário é salvo no último momento.

1998: Exposição pública por ocasião do centenário da primeira fotografia.

2000: Exposição pública por ocasião do Jubileu.

3- As Pesquisas no Sudário

3.1- No Microscópio

3.1.1- Exame dos fios do linho:

Gilbert Raes, professor do Instituto Ghent de Tecnologia Têxtil da Bélgica examinou alguns fios retirados do tecido por um grupo científico em 1973. Ele observou que:

- Havia vestígios de algodão entre as fibras de linho, de onde se conclui que o pano foi tecido num tear também usado para algodão. É claro que o algodão cresce em terras do Oriente Médio, mas não na Europa.
- A textura do linho era de um tipo comum no Oriente Médio no primeiro século da nossa era.

Essas descobertas de Raes foram apoiadas por Silvio Curto, professor Adjunto de Egiptologia da Universidade de Turim e membro da Comissão de cientistas italianos que estudou o Sudário em 1973. Segundo Curto: “A fabricação do Sudário pode remontar ao tempo de Cristo”. E segundo Kenneth Stevens, engenheiro relator do STURP: “Se o Sudário fosse uma fraude, o falsificador europeu teria de enfrentar a enorme dificuldade de procurar um tecido fabricado no Oriente Médio, e esse tecido contivesse vestígios microscópicos de algodão na textura, e células de polens provenientes de plantas não européias”.

3.1.2- Análise do pó impregnado no Sudário: os pólens

Detalhamos um pouco mais este estudo por o considerarmos o mais importante estudo de comprovação da autenticidade do Sudário.

Em 1973, foram convidados três especialistas para estudar as fotografias tiradas do Sudário tiradas por Judica-Cordiglia em 1969. Um deles era Dr Max Frei Sulzer, renomado criminologista suíço, fundador e durante vinte e cinco anos diretor do serviço científico da Polícia de Zurique, botânico autodidata e

protestante.

Frei conquistara sua reputação internacional mediante a análise de substâncias microscópicas. Trabalhou na análise de muitos crimes e acidentes importantes de repercussão mundial. Mesmo depois de aposentado, foi consultor das autoridades policiais de diversos países.

No dia quatro de Outubro de 1973, quando procedia a análise das fotografias do Sudário, notou que a superfície do tecido estava coberta de pequenas partículas de poeira. Pediu e obteve permissão para retirar amostras com fita adesiva limpa sobre a superfície do linho.

De regresso a Zurique, Frei examinou ao microscópio a poeira que havia recolhido. Identificou partículas minerais, fragmentos de cabelos, fibras de plantas, esporos de bactérias e plantas que não tem flores como musgos e fungos, e...grãos do pólen de plantas floridas.

Como era de seu conhecimento, os grãos de pólen, invisíveis a olho nu, têm uma parede exterior muito resistente, e podem manter suas características físicas durante milhões de anos.

Frei compreendeu que:

- identificando os polens, identifica as plantas
- identificando as plantas, identifica os lugares e as épocas

Durante os anos de 1974 e 1975, Frei utilizou a Palinologia, a ciência da análise dos polens, examinando cuidadosamente cada grão de pólen retirado do Sudário.

Uma das suas dificuldades deriva do fato de que muitas das plantas que originariamente viviam numa região específica, serem hoje encontradas em todo globo terrestre.

Descartados estes casos, mesmo assim Frei conseguiu seu objetivo.

Ele descobrira grânulos de pólen de plantas da França, Itália, e de vegetação que cresce em zonas áridas e floresce em épocas diferentes no Oriente Médio. **Mas o pólen mais freqüente no Sudário é o mesmo pólen fóssil abundante nos sedimentos do lago de Genesaré e do mar Morto, depositados há cerca de dois mil anos.**

Em 1978, Frei efetuou novas retiradas de material e continuou seus estudos. Durante nove anos dedicou seu tempo e enorme despesas a sete expedições no Oriente Médio para identificar seus polens, muitos dos quais não eram ainda conhecidos. Morreu em 1983, sem terminar um trabalho final de conjunto.

Frei identificou 58 (cinqüenta e oito) espécies de pólen no Sudário:

- 17 da França e Itália
- 38 da Palestina, muitas delas de Jerusalém e arredores, das quais **13 são halófilos exclusivos do Negueb e da região do Mar Morto.**
- **2 exclusivas de Urfa (Edessa)**
- **1 exclusiva de Istambul (Constantinopla**)

Isto confirma claramente o roteiro e as datas do Sudário.

Frei ainda estava trabalhando com dezenove novos polens, que elevariam o total para setenta e sete. O arqueólogo Paul C. Maloney, o ilustre palinólogo israelense Aharon Horowitz, e o maior especialista em flora

desértica israelense Avinoam Danin, notaram que o espectro polínico existente do Sudário é semelhante ao israelense, e que é possível mostrar um itinerário através do Negueb até as terras altas do Líbano.

Flores podem ter sido colocadas no Sudário também na hora do sepultamento. Um estudo com aplicação da técnica de sobreposição de luz polarizada, feito por Alan Whanger, professor da Duke University Medical Center de Durham (EUA), identificou vinte e oito flores que florescem entre Março e Abril na Palestina. Frei havia encontrado polens de vinte e cinco delas.

Max Frei foi educado como protestante zwingliano e estava muito distante das propensões católicas. Ainda no meio de sua pesquisa, tendo já perdido seu ceticismo inicial sobre a autenticidade do Sudário, em 8 de Março de 1976 declarou: **"... A presença de polens pertencentes a não menos de seis espécies de plantas palestinas, uma da Turquia e oito espécies Mediterrâneas, nos autoriza, desde já, mesmo antes de chegarmos à identificação completa de todos os fósseis e microfósseis, a chegar a conclusão definitiva de que o Santo Sudário não é uma falsificação."**

Parece uma ironia que se possa tirar uma conclusão tão importante como esta de um material tão humilde como o pó.

Segundo Frei, ainda se pode concluir:

- que podemos ter certeza que o Sudário foi exposto ao ar livre na Palestina e na Turquia.
- que a abundância de pólen provenientes da zona do rosto, pode indicar uma exposição maior dessa área, o que nos leva ao Mandylion de Edessa.

3.1.3- Poeira Mineral

Em 1978, Giovani Riggi, especialista em aparelhos biológicos, aspirou pó do Sudário e constatou que a constituição elementar do material colhido era análoga à que se encontra em tecidos funerários egípcios.

Nas fotografias ampliadas tiradas em 1978, notava-se um aspecto sujo na região dos calcanhares. Se deduz que o homem do Sudário provavelmente caminhou descalço pela rua. O cristalógrafo da Hercules Aerospace Division, Joseph Kohlbeck, identificou essas partículas minerais como aragonita com pequenas quantidades de estrôncio e ferro, que é uma composição rara. Confrontou-se com amostras de carbonato de cálcio tiradas de um túmulo de Jerusalém. Além de se descobrir que se trata do mesmo tipo de aragonita, uma análise química feita na Universidade de Chicago, feita por Ricardo Levisetti, detectou que as duas amostras tem as suas características extraordinariamente semelhantes, **o que torna altamente provável que a aragonita do Sudário seja proveniente de Jerusalém.**

3.2- Análise do Sangue

No Sudário são muito evidentes algumas zonas com manchas de sangue. Em 1978 foram tiradas amostras dessas zonas, com fitas adesivas, pelo Dr Pierre Luigi Baima-Bollone e Raymond Rogers, do grupo norte-americano da STURP.

Rogers deu algumas dessas fitas a Walter McCrone e à equipe formada pelo Dr John H. Heller e Alan Adler, de Connecticut.

Os resultados divergiram.

Na Itália, o Dr. Bollone informou que o sangue era humano do tipo AB.

Nos Estados Unidos, McCrone informou que as manchas não eram de sangue, e sim de pigmentos terrosos ocre-avermelhados, concluindo que as manchas no pano eram pigmentos feitos por um artista. McCrone publicou essas conclusões no Microscope Journal, em 1981, depois publicou um livro, e até hoje mantém um site na web para atacar o Santo Sudário.

No entanto, ainda nos Estados Unidos, os Drs Adler e Heller concluíram que as manchas eram de sangue verdadeiro, de tal modo que o judeu Adler declarou: "É tão certo que existe sangue no Sudário como em nossas veias". Assim como seu colega italiano Bollone, Adler constatou ainda que as manchas são de cor vermelho vivo, aparentemente estranha para amostras de sangue antigo, mas explicado pela grande quantidade de *bilirrubina,* sinal de que a pessoa da qual o sangue provém esteve fortemente traumatizada pouco antes da morte.

Ainda assim, um reverendo episcopaliano, David H. Sox, lançou um livro no qual dá pleno crédito a McCrone, logo após ter abandonado a British Society for the Turin Shroud, em 1981.

Em seu livro "A Verdade sobre o Sudário" Kenneth Stevenson, relator da STURP, diz que "As **análises microqúimicas revelaram a não–existência de corantes, manchas, pós, tintas, ou instrumentos de pintura no Sudário.** Foram realizados vários testes, inclusive o de fotoreflectância e o da fluorescência ultravioleta, todos eles chegando a resultados unânimes de que não havia nenhuma possibilidade de falsificação ou fraude. De modo particular, a fluorescência por raio-X foi considerado o melhor teste para detectar qualquer tipo de fraude, e não revelou a presença de nenhum elemento estranho que pudesse ter contribuído para a formação da figura."

O Dr. Leoncio Garza-Valdes, em posse das amostras de sangue da região occipital da imagem dorsal do Sudário, extraídas por Riggi em 1988, na mesma ocasião das amostras dos testes radiocarbono, não só constatou o sangue humano, identificando-o como do sexo masculino do tipo AB, como também fez uma análise de DNA, clonando-o.

O estranho é que as conclusões errôneas de McCrone sejam ainda amplamente divulgadas.

3.2.1- Sangue venoso e sangue arterial

Além da confirmação do sangue no Sudário, as marcas de sangue estão em perfeita correspondência com a anatomia, isto é, sangue arterial e sangue venoso nos seus respectivos lugares. Como se sabe, a Medicina só descobriu a diferença dos dois fluxos sangüíneos no final de 1500.

É impossível separar artificialmente, com um pincel, por exemplo, o sangue de uma fase mais densa de uma mais líquida, como está no Sudário.

Pelos fenômenos de coagulação que se observa em numerosos filetes de sangue no Sudário, o médico americano Gilbert Lavoie deduziu que até pouco antes da morte escorria sangue das feridas, e que o corpo foi envolvido no lençol até duas horas e meia depois da morte.

Não se nota também nenhum sinal de putrefação do corpo envolvido pelo sudário.

3.3- Datação pelo radiocarbono

O processo de datação pelo método do Carbono 14 foi o grande agente de expansão e aprofundamento do conhecimento das idades de objetos, principalmente daqueles de muitos milhares de anos, sem história registrada. É técnica que utiliza a proporção do Isótopo 14 do carbono em determinado material de amostra,

para daí se calcular quando o mesmo parou de absorver C14 do ambiente, no nosso caso, quando o linho foi colhido. No entanto, até a década de 70, essa técnica exigia que o material fosse incinerado.

No início da década de 80 já havia sido desenvolvido nos Estados Unidos uma técnica de datação pelo Professor Harry Gove, diretor do Nuclear Structure Research Laboratory da Universidade de Rochester, um processo pelo C14 chamado *espectometria de massa acelerada*, ou AMS, que consome uma quantidade bem menor de material em seu ensaio destrutivo.

O Vaticano concordou com a aplicação desse método, e o arcebispo Cardeal Ballestrero indicou três laboratórios para datação: Universidade de Oxford, Inglaterra, Universidade de Zurique , Suíça, e Universidade do Arizona, Estados Unidos. Curiosamente ficava de fora o laboratório que criou o teste. Além do que o Laboratório de Zurique já tinha pouco antes se equivocado em datação de linho egípcio em**...**,1000 anos.

Em 21 de Abril de 1988 o Sudário foi trazido na presença de representantes de cada instituição, recortado uma pequena parte e dividido entre eles, pesando aproximadamente 50 miligramas. A parte que foi cortada era embaixo à direita da imagem frontal. Uma área muita exposta à contaminação, pois é próxima ao ângulo por onde o Sudário é fixado durante as exposições. Amostras extras foram separadas para uma eventual necessidade futura.

Juntamente com o tecido do Sudário foram também entregues as seguintes amostras de controle: um tecido de linho proveniente da Núbia e datado do séc. XII, um tecido de linho proveniente do túmulo de uma criança chamada Cleópatra, em Tebas, e radiodatado entre 110 e 75 A.C., alguns fios retirados da veste litúrgica de São Luis D'Angers, do período entre 1290 e 1310. Essas amostras de controle foram identificadas secretamente e deveriam ser analisadas juntas com as do Sudário.

Seis meses depois veio o anúncio que estarreceu os estudiosos. Em 13 de Outubro de 1988, em conferências quase simultâneas em Turim e Londres, foram divulgados os resultados.

O coordenador dos testes, Michael Tite do Museu Britânico, em Londres, dava entrevista, juntamente com os Professores Edward Hall e Robert Hedges, de Oxford. Atrás deles em um quadro negro estava escrito triunfalmente: 1260 – 1390!

Ou seja, o Sudário seria um artefato Medieval.

Em Zurique, a BBC filmou a abertura dos recipientes das amostras, e a prestigiada revista Nature publicou a comunicação oficial dos Laboratórios, a revelia da confidencialidade pedida e do segredo das identificações das amostras.

E o nosso já conhecido reverendo episcopaliano Dr. Sox apareceu nas livrarias com o livro *"The Shroud Unmasked"* com os resultados dos Laboratórios, praticamente na mesma data da divulgação dos resultados, em Outubro de 1988, pois esteve presente nos testes. Testes nos quais **foi vetada** a presença dos representantes do Cardeal Ballestrero.

Harry Gove, o já mencionado Professor de Rochester, responsável pelo desenvolvimento da técnica de datação por rádiocarbono usado no Sudário, e que mantinha contatos com o "reverendo" Sox, declarou em Janeiro de 1989, que achava que a figura havia sido feita habilmente através de uma estátua aquecida, e quanto ao sangue, **não se poderia distinguir se era humano ou de porco**.

Pouco tempo depois, em Março de 1990, o Museu Britânico apresentava uma exposição internacional intitulada **"Falsificação, a arte do engano"**, com total destaque ao Santo Sudário.

Isto sim que é ódio.

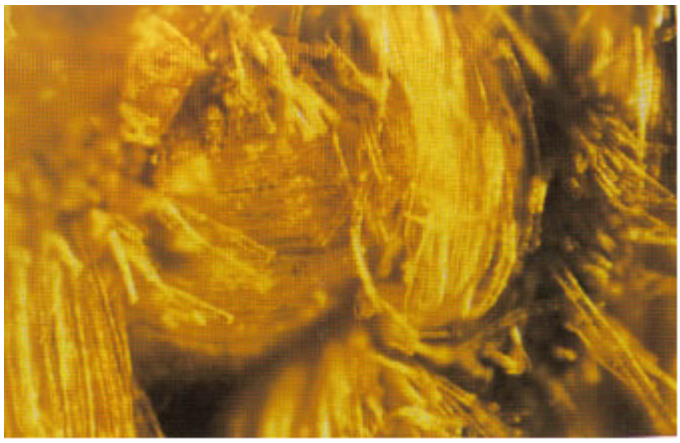
A guerra é frontal e aberta contra o Sudário. No entanto, muitas vozes do mundo científico se ergueram contra esses ataques. Muito mais do que as vozes do clero.

3.4- Revestimento bio-plástico

O Dr Leôncio Garza Valdes, médico e professor da Universidade do Texas, pesquisou e descobriu resíduos orgânicos gerados por bactérias em múmias. Ao tentar data-las pelo processo de radiocarbono descobriu que esses resíduos, que formavam um revestimento bio-plástico sobre os fios do tecido, alteravam o resultado da datação, devido à impossibilidade de se limpá-los de modo adequado.

Em 1993, O Dr.Valdes conseguiu algumas amostras do Sudário que haviam sido cortadas na mesma ocasião do teste de rádiocarbono de 1988, junto ao Professor Giovani Riggi, o microanalista de Turim já mencionado, guardião das amostras, e homem de confiança do Cardeal Ballestrero.

Ao analisá-las descobriu a presença do revestimento bio-plástico (*Lichenothelia Varnish*) sobre os fios de linho, assim como a presença desses organismos (*Lichenothelia)* vivos.



Aliás, o Dr Valdes não conseguiu fazer o teste de rádiocarbono exatamente pela dificuldade em se fazer a

limpeza. Ele chegou a utilizar exatamente o mesmo processo de limpeza que foi utilizado pelos laboratórios do teste de 1988, e constatou que o revestimento bio-plástico não saia.

Segundo o Dr. Valdes: “A pátina causada pelos fungos é um acréscimo natural nas superfícies antigas estáveis. São necessárias centenas de anos para que os fungos criem um ‘verniz’ contínuo. As fibras do Sudário de Turim têm um depósito espesso devido às bactérias. A data obtida mediante o C14 em 1988 deve-se na realidade, a uma mistura do C14 do Tecido do Sudário com o C14 da pátina de bactérias. Este seria de até 60%”.

À luz desses estudos, o **inventor do processo de datação por rádiocarbono pelo processo usado no Sudário, Harry Gove**, **teve de declarar** em 27 de Janeiro de 1995: “A técnica que se usou em 1988 para a datação do Sudário de Turim por meio do C14 foi inventada em meu laboratório, na Universidade de Rochester, em 1977. Depois dessa datação, estive convencido do resultado durante anos. Recentemente, porém, o doutor Garza Valdés, de San Antonio, Texas, apresentou provas consistentes a respeito de um tipo de contaminação por carbono recente produzida nos fios do Sudário por bactérias que os processos de limpeza usados pelos três laboratórios podem não ter removido**. Essa contaminação, de acordo com sua espessura, pode fazer com que a data fornecida pelos três laboratórios seja mais recente”.**

Por esse motivo, e outros ainda, não devemos dar a menor consideração a essa tentativa de datação de 1988.

3.5- A contestação de Kouznetsov

O diretor dos Laboratórios E.A. Sedoo de Pesquisa de Bio-Polímeros de Moscou e premio Lênin de Ciência, Dr. A. Kouznetsov, participou de um congresso em Londres onde foi convidado a testar seus métodos de datação por radiocarbono pelo Geólogo Dr Guy Berthault, para comparar com os resultados do exame do Sudário.

Analisando a história do Sudário, descobriu que ele passou por um incêndio em 1532. Resolveu recriar a condição em laboratório, e descobriu que o linho absorveu C14 recente, principalmente por ter se submetido a altas temperaturas por tempos suficientemente longos na presença de produtos da combustão (água, anidrido carbônico e óxido de carbono) e íons de prata, pois a urna era de prata, capazes de agir como catalisadores.

Para comprovar isso, Kouznetsov pegou um tecido de linho do séc. I, procedente de Em Gedi (Israel), e enviou ao Laboratório de Tucson, Arizona, onde fizeram a datação.

Mais tarde, o professor russo queimou outro pedaço do **mesmo lençol**, simulando a condição do Sudário no incêndio, e enviou novamente para Tucson. O resultado desta datação foi de 1300 anos mais recente.

3.6- Conclusão

Conforme o Dr Valdés e o Dr Kouznetsov, não se aplica testes de rádiocarbono a matérias têxteis como o linho, devido aos seus altos níveis de contaminação sem possibilidade prática de remoção.

No entanto, existem motivos para se supor que o que ocorreu foi uma tentativa deliberada de desacreditar a originalidade do Sudário.

Na exposição de **1998**, o Cardeal G. Saldarini, guardião do Sudário, em um momento de infelicidade única, declarou:

“**Não é uma relíquia**, **mas um símbolo** que representa a paixão de Cristo, um mistério que conduz nossos olhos para Cristo”.

Ainda bem que os cientistas não tem essa pouca fé.

Por que o Cardeal faz questão de dizer uma bobagem como esta, mesmo com o respaldo de eminentes cientistas contra a falsa datação de 1988?

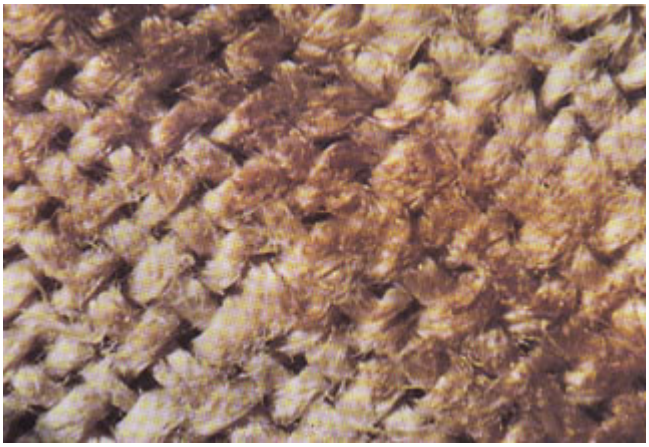
Mais ainda: e a avalanche de outras evidencias a favor da autenticidade, principalmente da equipe da STURP?

Por que não foi a própria equipe da STURP que fez o teste de rádiocarbono?

4- A Figura do Sudário

Depois de muitas pesquisas sobre o Sudário de Turim, as equipes da STURP chegaram a conclusão de que a teoria mais provável é que a figura tenha sido formada no tecido por alguma espécie de processo de chamuscadura. Na verdade, a conclusão mais veemente da STURP quanto a figura foi uma negativa: a figura não resulta de corante aplicado ao tecido.

A figura consiste de fibras de celulose amareladas, que tomaram esta coloração por terem passado por algum processo de desidratação.



4.1- Efeito tridimensional

Após a primeira fotografia tirada em 1898, quando se descobriu que a imagem é um negativo da “foto” de Nosso Senhor, não se parou mais de se descobrir verdadeiros tesouros quanto aos mistérios do Santo Sudário. A equipe da STURP descobriu que a figura está impressa de modo tridimensional, isto é, a intensidade da figura varia de acordo com a distância entre o corpo e o tecido. A proporção matemática foi tão precisa que os cientistas puderam elaborar uma réplica tridimensional do homem do Sudário.

4.1.1- Moedas

Ao se analisar a figura tridimensional do Sudário, se notou um inchaço circular nas regiões oculares.

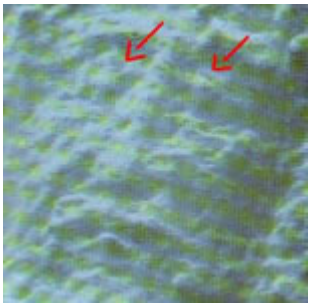
Observando-se melhor, percebeu-se que eram duas moedas, uma em cada olho.

Era um costume judaico do século I se enterrar com moedas sobre os olhos.

As moedas são:

- *dileptus lituus,* que tem impressa a figura de um cajado curvado na parte superior, que Pilatos mandou cunhar no ano 29 dC.

- *simpulum,* do mesmo ano que anterior. Essa moeda se encontra no olho direito, mais propriamente sobre a pálpebra, e se vê claramente as letras Y CAI, do grego TIBEPIOY KAICAROC, Tibério César, que nas moedas também se encontra escrito com C ou X no lugar do K.



Essas moedas são encontradas hoje entre especialistas e colecionadores.

4.2- O suplício do Homem do Sudário

As marcas no Sudário retratam com detalhes riquíssimos como foi o suplício e a morte do Homem que ele envolveu. Tão ricos e pormenorizados que foram muitas vezes confirmados por médicos e cientistas.

Existe uma farta bibliografia sobre este tema. Verdadeiros tratados médicos que confirmam cientificamente que as marcas que estão no Sudário são provas do que está descrito nos Evangelhos.

Algumas dessas marcas são:

- o próprio *envolvimento no lençol*: a impressão da figura está em negativo com efeitos tridimensionais como já dissemos. As manchas de sangue estão obviamente em positivo, e nas dobras as mesmas alargam-se e duplicam-se, devido ao fato do lençol ter sido “aconchegado” ao corpo e amarrado. No entanto a figura está em projeção ortogonal ao corpo, sem a projeção referente a parte lateral do corpo. O que dá a impressão de que o Sudário foi “iluminado por dentro”.

Copyright © 1999-2011 - Associação Cultural Montfort - http://www.montfort.org.br/

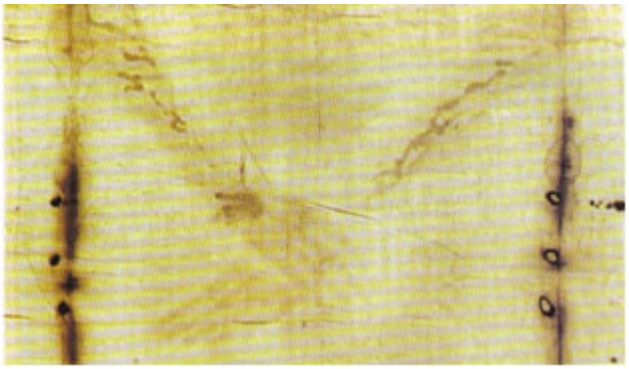
Se algum falsário quisesse simular essa condição, envolvendo um cadáver com um lençol e amarrando-o, não teria de modo algum a figura que está no Sudário, nem de longe.

- os *ferimentos da cabeça*: os ferimentos apontam para um capacete de espinhos, muito mais doloridos do que as coroas de espinhos que as pinturas piedosas nos mostram. Aparentemente os espinhos penetraram no couro cabeludo em aproximadamente 50 pontos.

- o *transporte da cruz*: o Homem do Sudário transportou sobre as costas um objeto pesado que provocou duas grandes escoriações. As macrofotografias feitas pela STURP mostram fragmentos de material terroso misturados com resíduos escuros, provavelmente sangue que se encontram na ponta do nariz, escoriado,no joelho esquerdo, notavelmente ferido, e num dos calcanhares, também ensangüentado. Tudo isso por quedas ao carregar o *patibulum* da cruz.

- a *crucificação com pregos*: as marcas são bem visíveis nos pés e nos pulsos. Aliás, na mão não seria possível passar um prego para depois suportar o peso do corpo. Ao se passar com o prego no pulso, o nervo médio central provoca a contração do polegar, que no Sudário não se vê, exatamente por estar contraído.

- as *marcas de escorrimento de sangue nas mãos e nos braços*: o sangue escorria conforme os movimentos dolorosos da agonia. Para os condenados crucificados, o golpe de misericórdia era a ruptura das pernas: faltando o ponto de apoio, a morte ocorreria por asfixia, o que não aconteceu com Nosso Senhor, que morreu antes, e por isso não teve nenhum osso quebrado.



- o *ferimento no lado*: é bem visível uma ferida no lado. É notável um abundante escorrimento, lamentavelmente arruinado por um dos incêndios. A descrição evangélica, confirmada no Sudário, demonstra que muito provavelmente Nosso Senhor morreu “por ruptura do coração em conseqüência de infarto seguido de hemorragia no pericárdio”, que é considerável concentração de sangue na membrana que envolve o coração, que explica a “água” (soro) e sangue que saíram do lado de Nosso Senhor, após ser perfurado com a lança. Esse tipo de morte rápida provoca normalmente uma dor violentíssima, que poderia ser a causa do forte brado de Nosso Senhor (Mt 27,50).

Segundo P. Barbet: “a ferida causada por uma lâmina dilacerou o pericárdio que o infarto enchera de sangue e líquido seroso, bem como o ventrículo direito do coração que, nos cadáveres recentes, está cheio de sangue. Pelo lado esquerdo teria rasgado os ventrículos vazios”.

No sepultamento, jorrou da ferida um fluxo de sangue e soro mais claro, bem visível à altura do abdome, esparramando-se em correspondência da dobra do Sudário.

- o *corpo cruelmente flagelado*: são muito evidentes as marcas de uma terrível flagelação, infligida conforme costume romano, que usavam para castigar açoites com pesos de chumbo ou pedacinhos de osso, que

causavam feridas, lacerando e contundindo o corpo do condenado.

O corpo quase inteiro foi açoitado, menos na área do coração, pois o condenado não deveria morrer com os golpes.

Estas marcas estão bem visíveis no Sudário, de onde pode se saber exatamente com era o açoite.

5- Probabilidades

Se considerássemos a datação de 1988 como verdadeira, qual seria a probabilidade de um falsário medieval que, inspirando-se no texto dos evangelhos, teria torturado e crucificado um judeu contemporâneo seu, com métodos e características totalmente estranhas à sua cultura, com o objetivo bem claro de construir um falso lençol fúnebre de Nosso Senhor, e deixando propositadamente sobre o tecido marcas invisíveis a olho nu, polens e outros vestígios, observáveis apenas com instrumentação do século XX?

No livro de Bruno Barberis e Piero Savarino, eles calculam essa probabilidade de uma em duzentos bilhões.

6- CONCLUSÃO

São muitas as evidências da autenticidade do Sudário. Colocamos só algumas aqui nesse estudo, para darmos uma pequena idéia aos nossos leitores.

Não precisávamos do Sudário para bradar: **Jesus Cristo ressuscitou, verdadeiramente ressuscitou**. A santa amada Igreja já nos ensinou isto.

No entanto, Deus nos deixou essa prova material, que quase miraculosamente foi preservada durante dois mil anos.

E uma prova material tão forte que atinge diretamente os céticos ateus e materialistas. E o ódio que ele desperta provoca ações de difamação no mundo inteiro, com apoio irrestrito de muitos setores da imprensa, que publicam qualquer artigo, por mais incompleto e parcial que ele seja.

No entanto, o mais revoltante, é o apoio do clero modernista a essas iniciativas.

Por que?

No interessante livro “O DNA de Deus?” de Garza Valdes vemos claramente as dificuldades que ele encontrou em revelar a verdade sobre o teste de rádiocarbono de datação.

O Cardeal Giovanni Saldarini fez questão de fazer declarar no Congresso de Sindonologia de 1998, que a pesquisa de Garza Valdes era oficialmente inválida. Ou seja, apesar de cientificamente correta, o Cardeal não a considerava a pesquisa “oficial”, pois ela desautorizava a fracassada datação de 1988.

Nesse mesmo Congresso, durante a apresentação de Arnaud-Aaron Upinsky, o presidente do encontro, o professor Pierre Luigi Baima-Bollone, pediu para que Upinsky parasse, e como esse continuasse, Bollone ordenou que se cortasse o projetor e o microfone, recebendo aí assobios e humilhação.

Ora, Upinsky é famoso matemático, estudioso e epistemólogo, combateu a falsa datação de 1988 desde o início. Publicou um livro onde afirma - e demonstra - **que não há forma de reproduzir um objeto tão peculiar como o Sudário de Turim, nem sequer com a ciência moderna, lançando por terra as hipóteses da falsificação.**

E este mesmo que vos escreve este arquivo, estando em visita a Catedral de Turim, escutou de um dos guias que, apesar de todas as evidências que ele mesmo apresentou aos visitantes para a comprovação da autenticidade, ele próprio, o guia, não acreditava.

Por que essa divulgação contra a autenticidade dessa santa relíquia, dentro do próprio clero?

O fato é que quanto mais se estuda, mais se comprova a autenticidade do Sudário. O que sempre nos impele a poder gritar: **Jesus Cristo ressuscitou. Verdadeiramente ressuscitou.**

Ad majorem Dei gloriam
Sidney Gozzani

- Sudário, Radiodatação e Cálculo das probalidades
Bruno Barberis e Piero Savarino
Edições Loyola, 1999

- O Sudário, Uma Imagem Impossível
Emanuela Marinelli
Paulus – 1998

- O DNA de Deus
Leôncio A. Garza Valdes
Editora Mandarim, 2000

- A Verdade sobre o Sudário
Kenneth E. Stevenson e Gary R. Habermas
Edições Paulinas, 1986

- O Santo Sudário – Milagrosa Falsificação?
Julio Marvizon Preney
Editora Mercúrio 1998

- O Santo Sudário
Ian Wilson
Editora Melhoramentos, 1979.
(Este é, sem duvida, o melhor livro com a história do Sudário)

- O Sudário – Guia para leitura de uma imagem cheia de mistério
Lamberto Schiatti
Editora Vozes – 1996

- Vários artigos da web

Bibliografia

Tem espessura de 0,34 mm e pesa aproximadamente 2,45 Kg.

Apresenta uma dupla marca frontal e dorsal de um homem, além de marcas de resultantes de um incêndio (1532), com manchas e remendos.

Típico lençol funerário judaico da antiguidade, fiado a mão, com material rico e fino.

A palavra sudário provém do latim *sudarium,* lenço com que se enxugava o suor do rosto, e pano com que se cobria o rosto dos mortos; posteriormente, passou a designar o lençol usado para envolver cadáveres ou mortalha.

O Santo Sudário está guardado na Catedral de Turim e é eventualmente exposto publicamente.

Para citar este texto:

Gozzani, Sidney - *"**O Santo Sudário**"*
MONTFORT Associação Cultural
http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernos&subsecao=ciencia&artigo=sudario
Online, 25/03/2011 às 19:32h